



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura oficial da 73ª ExpoZebu**

Uberaba-MG, 03 de maio de 2007

Orestes, primeiro, quero fazer a foto com o boné da ABCZ, já que eu sou sócio e tenho até o direito de votar, embora eu não tenha nenhuma vaquinha e nenhum boi zebu. De qualquer forma, vale a intenção.

Meu caro amigo e governador do estado de Minas Gerais, Aécio Neves,
Meu caro companheiro e amigo Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro companheiro governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues,

Meu caro Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura e Abastecimento,
Meu caro Hélio Costa, ministro das Comunicações,
Meu caro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,
Meu caro Orestes Prata, presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu,

Senhor embaixador do Senegal,

Meus amigos, minhas amigas,

Senhores senadores Eduardo Azeredo, Jonas Pinheiro, Wellington Salgado e Wilson Matos,

Senhores deputados federais Aelton Freitas, Aracely de Paula, Elismar Prado, Gilmar Machado, João Bittar, Leonardo Picciani, Marcos Montes, Maurício Quintella, Moreira Mendes, Osório Adriano, Paulo Piau, Ronaldo Caiado, Saraiva Felipe e Waldir Neves,

Meu caro companheiro Anderson Adauto, ex-ministro dos Transportes e prefeito de Uberaba,

Meu caro Pratini de Moraes, ex-ministro da Agricultura,



Meus companheiros vice-presidentes e diretores da ABCZ,
Senhores expositores,

Primeiro, quero dar os parabéns à ABCZ, ao Ministério do Desenvolvimento Agrário e à Contag pela assinatura do acordo, fazendo com que o pequeno produtor brasileiro tenha a possibilidade de melhorar a sua pequena criação de gado neste País.

Segundo, dizer aos pecuaristas aqui presentes e ao povo mineiro que estamos vivendo um momento na história do Brasil em que, certamente, ainda temos muitas coisas a fazer e, possivelmente, levemos alguns anos para construir o Brasil que todos nós imaginamos e todos queremos construir. Entretanto, o Brasil se encontra em uma situação... e esse é um dos compromissos que eu tenho e desejo: entregar ao meu sucessor, em 2010, um Brasil infinitamente melhor do que aquele que recebi. E, certamente, preparado para que o meu sucessor possa entregar ao seu sucessor um Brasil ainda muito melhor preparado. Afinal de contas, o Brasil alcançou neste momento um estágio que há muito tempo nós perseguíamos. E o mérito não é do presidente da República, de um ministro, de um governador. O mérito, na verdade, é do povo brasileiro, que soube sofrer nos momentos difíceis, mas soube acreditar no Brasil.

O Jonas estava comigo na Índia em 2004. E eu lembro, governadores, que, em 2004, quando cheguei à Índia, a Índia tinha atingido 100 bilhões de dólares de reservas. E eu discutia com os meus companheiros: que bom o dia em que o Brasil conseguir ter 100 bilhões de dólares de reservas. Parecia um sonho impossível. E vejam que ontem nós chegamos a praticamente 122 bilhões de dólares de reservas, com a possibilidade de chegar a muito mais, porque as nossas exportações continuam crescendo, continuamos batendo recorde atrás de recorde nas exportações, e penso que isso leva todos nós governantes, seja o presidente da República, sejam os governadores, sejam os



prefeitos, os empresários brasileiros, os trabalhadores brasileiros... a entender o seguinte: de onde nós estamos, só podemos avançar, não podemos mais retroceder, porque foi difícil chegar até aqui. Todo mundo sabe o sacrifício que todos nós, que a nação brasileira fez em 2003 para que pudéssemos atingir, hoje, o patamar que estamos atingindo. E todo mundo sabe que cada dia em que o Brasil crescer um pouco mais e cada dia em que o Brasil ganhar mais importância no mundo, mais aumenta a nossa responsabilidade.

Nós já somos o maior exportador de carne do mundo, como já somos o maior exportador de café, o maior exportador de açúcar, o maior exportador de álcool, o maior exportador de suco de laranja, um dos maiores exportadores de minérios do mundo, 52% dos nossos produtos hoje exportados são manufaturados, e queremos chegar a 60%, 70%, 80%. Quanto mais valor agregado colocarmos nas coisas que exportamos, mais dinheiro vão ganhar os estados, mais dinheiro vão ganhar os municípios, mais dinheiro vão ganhar os empresários, mais dinheiro vão ganhar os trabalhadores, porque quanto melhor for a empresa, mais corretamente o trabalhador terá que ser remunerado, e ganhará o Brasil.

Então, quando eu venho a uma exposição como esta e vejo a qualidade do avanço genético conquistado neste País e, muitas vezes Orestes, saber do quanto muitas vezes a burocracia nos atrapalha em nome de leis que criamos no Congresso Nacional; em nome, às vezes, da incompreensão das necessidades. Eu lembro que, quando fui à Índia com um grupo de companheiros da ABCZ, nós fomos discutir com o governo da Índia a possibilidade de voltarmos a importar embriões outra vez, porque estava proibido desde 1960 e alguma coisa, se não me falha a memória, desde 1966. Nós já tínhamos até um laboratório lá, criado pela ABCZ, e foi um trabalho imenso, até que arrancamos do primeiro-ministro da Índia a certeza de que íamos poder importar. Até hoje nós não conseguimos importar.

Pois bem, eu estou voltando para a Índia no mês de julho, quero



convidar representantes da ABCZ para que a gente possa trazer de lá, definitivamente, a certeza de que vamos importar os embriões necessários para renovar o nosso rebanho. E certamente os empecilhos para que nós trouxéssemos, quem sabe da burocracia da Índia ou da burocracia do Brasil, são coisas que não dependem da vontade do técnico que diz que não pode. É porque, muitas vezes, nós aprovamos leis no Congresso Nacional, e eu falo isso porque fui deputado federal, e na hora em que a gente vai aprovar a lei, a gente cria tanto mecanismo de fiscalização, que muitas vezes o burocrata não quer dar a autorização porque logo será fiscalizado pelo Tribunal de Contas, pelo Ministério Público. Ou seja, esse cidadão terá como prêmio os seus bens indisponibilizados, e muitas vezes ele não toma a decisão com medo do que vai acontecer com ele. E o Estado muitas vezes nem paga o advogado, ele é quem tem que se defender sozinho.

Então, eu penso que nós precisamos construir juntos o que falta construir neste País. O Aécio disse bem. Essa questão de partido político termina quando termina o processo eleitoral. O Aécio não foi eleito governador de Minas Gerais para ser apenas o representante do PSDB. E eu não fui eleito presidente da República apenas para ser representante do PT, como o Alcides não foi para ser representante do PP ou o Sérgio Cabral para ser representante do PMDB. Isso valeu até o dia em que abriram as urnas. Abertas as urnas, a nossa obrigação é governar o País, o estado, para todos, independentemente de quem quer que seja. É esse o desafio que está colocado para nós: temos que resolver os problemas que ainda não foram resolvidos. O País tem que continuar crescendo, é preciso que a gente estabeleça uma política de fazer mais justiça social neste País.

Eu quero te dizer, Orestes, que a questão da reforma agrária é uma coisa que me inquieta, e me inquieta por duas razões: primeiro, porque a gente nunca vai conseguir fazer do tamanho que as pessoas que precisam querem. E, segundo, o governo nunca tem dinheiro para compatibilizar a compra da



terra com a exigência de fazer com que a terra produza o necessário, para que aquele companheiro que obteve a terra possa se transformar num produtor, viva do seu trabalho e possa ganhar dinheiro utilizando o máximo possível de tecnologia. Todo mundo sabe que essa é uma tarefa difícil.

O Brasil foi o último país da América do Sul a fazer a experiência de reforma agrária e acho que precisamos encontrar soluções conjuntas. Obviamente que temos clareza de que o que estamos fazendo pela agricultura familiar é um passo extremamente importante, haja vista que o Banco do Brasil não tinha mais o hábito de emprestar dinheiro para o pequeno e, hoje, já adquiriu o hábito e já aprendeu a emprestar dinheiro para o pequeno. E nós queremos que empreste mais para o grande e empreste mais para o pequeno, porque um país capitalista como o Brasil precisa de crédito, e o crédito precisa ter taxas de juro mais compatíveis com a possibilidade de poder pagar de quem toma o crédito emprestado. Quando a taxa de juros é muito alta, empresta-se o dinheiro sabendo que não vai receber de volta, e talvez fique muito mais caro.

Agora, qual é a minha expectativa? É que temos mais quatro anos. Aqui tem três governadores de estados: o Aécio, reeleito, o Sérgio Cabral e o Alcides, em seus primeiros mandatos. Tem muitos governadores de segundo mandato e muitos de primeiro. Já fizemos uma extraordinária reunião em Brasília em que estabelecemos alguns pontos no encontro. Obviamente que falta atender os pleitos dos governadores que ainda não atendemos, porque os governadores são muitos e eu sou um só. E eles são muito espertos e eu não sou tão esperto. Então, preciso pensar mais do que eles para atender a pauta de reivindicação deles. Mas eu queria dizer aqui, nesta Feira, aos empresários e aos governadores: nós temos uma chance histórica, Sérgio Cabral, Alcides e Aécio, nós temos que provar até 2010 que, ao ser eleitos para assumir a responsabilidade de dirigir os estados e o País, vamos poder fazer jus à expectativa que a sociedade criou em torno de nós.



O Brasil, meu caro Orestes, não tem mais retorno, daqui para a frente o Brasil vai caminhar para ser uma grande economia, não apenas exportador de produtos *in natura*, mas exportador de produtos manufaturados, exportador de inteligência, e vai exportar conhecimento. O que nós estamos fazendo aqui no Brasil na questão do rebanho bovino é uma revolução que as pessoas precisam conhecer. Não faz muito tempo, demorava-se cinco anos para abater um boi, hoje tem boi que já se abate com 18 meses. O ganho que muitas vezes vocês não me falam, ou seja, só reclamam do preço da arroba, mas não falam: “Presidente, antes a gente precisava esperar quatro anos, agora matamos com 18 meses, temos um ganho extraordinário”. Como a cana-de-açúcar. Hoje se planta, por hectare, seis vezes mais do que se plantava quando começamos o Proálcool. E a soja, o café. Agora, eu acho que vocês têm o direito de cada vez reivindicar mais, até porque se vocês pararem de reivindicar, eu acho que nós estamos fazendo alguma coisa errada. É preciso reivindicar, mas sempre ter o bom-senso, Orestes e companheiros, de que nós temos que construir a maioria das políticas juntos. Não é possível ninguém acertar sozinho, temos que acertar e fazer com que aquilo que vocês conseguem fazer aqui, a partir de Uberaba, possa ser estendido a todo o território nacional, não apenas no nosso rebanho bovino.

A febre aftosa é uma responsabilidade do governo federal, mas vamos ser justos com a nossa consciência. É uma responsabilidade também do empresário e é uma responsabilidade de cada governador de estado, porque a febre aftosa que tivemos há dois anos foi porque, em determinados estados, não se quis aplicar a segunda vacina no rebanho. E, obviamente, nós temos consciência disso, sabemos das brigas homéricas. Toda vez que tem um foco de febre aftosa, o governador tenta culpar o governo federal, o governo federal tenta culpar o governador, em vez dos dois terem bom-senso, detectar que a culpa é de todos e tentar encontrar uma solução, porque quanto mais rápido a gente reconhecer, mais rápido o Brasil irá se livrar desse problema e irá



exportar muito mais.

Nós, agora, Orestes, temos uma responsabilidade a mais, nós somos os maiores exportadores, portanto, temos adversários no mercado internacional. Não pensem que haverá um país que vai elogiar a qualidade da carne brasileira ou a qualidade do rebanho. Todos eles vão botar defeito. Por quê? Porque eles querem ocupar um espaço no mercado que nós conquistamos. O que nós temos que fazer agora, presidente da República e o mais pequeno produtor, que assinaram esse convênio? É melhorar a qualidade da carne, é assumir mais responsabilidade, porque eu não tenho dúvida que nós seremos imbatíveis nessas próximas três ou quatro décadas, na produção de carne no mundo.

Além do que, as pessoas precisam compreender o que é o chamado boi verde. De vez em quando a gente fala e eles pensam que a gente está dizendo: um boi pintado de verde. Não, o boi é verde pela qualidade da sua comida, pela qualidade da ração que come. E o mundo precisa aprender isso do Brasil. Eu, quando vejo um país dizer: “Ah, não vou comprar carne do Brasil porque teve febre aftosa”... Eu lembro que quando o Putin entrou na minha sala, eu peguei um mapa do Brasil – nós tínhamos tido um foco de febre aftosa no Pará – para mostrar para o Putin a distância entre a região que tinha o foco, no Pará, e o estado de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de São Paulo, do Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso, para ele perceber que era muito mais distante do que Moscou da Itália. Entretanto, ele não tinha problema em comprar carne da Europa e estava preocupado em comprar a carne do Brasil.

Nós precisamos, cada vez mais, Orestes, convencer mais as pessoas. Cada vez mais nós precisamos convencer o mundo. Eu, quando fui para o Japão, lembro que queria levar picanha, eu queria que o Koizumi comesse um pedaço de picanha assada por um brasileiro. Lamentavelmente não pôde entrar. Mas ele veio ao Brasil. Fazia 28 anos que a gente queria exportar



manga para o Japão e eles não importavam por causa da chamada mosca, o mosquito da manga. Mas isso era uma coisa do passado. Ele acabou de comer, Reinhold, eu preparei com o Roberto Rodrigues um prato de manga de sobremesa, e eu falei Koizumi: eu quero que você coma e depois me explique por que o Japão não importa a manga brasileira. Dois meses depois, nós exportamos as primeiras 60 toneladas de manga para o Japão.

Se eu pudesse viajar, eu viajava com uma picanha pendurada no pescoço, uma carne nobre, para chegar lá e assar, porque se nós não mostrarmos a nossa qualidade, não serão os adversários que vão mostrar. Acabou o tempo de ficarmos no Brasil esperando que alguém venha aqui comprar, nós é que temos que ir vender. Eu dizia agora há pouco a alguns companheiros, dizia ao Aécio: nós temos um problema com a Rússia, é que nós exportamos muito e não importamos nada da Rússia, e relação comercial entre dois países é uma via de duas mãos, você precisa vender um pouco e precisa comprar um pouco, porque senão nós vamos continuar tendo superávit comercial com cada país e eles vão tendo problemas conosco. Aí eles querem vender para outros que compram alguma coisa deles.

Na América do Sul, Orestes, nós estamos com um superávit enorme com todos os países. Com alguns, nós temos superávit de 3 bilhões de dólares por ano na balança comercial. Nós precisamos importar um pouco deles, porque senão eles vão procurar outros parceiros que possam comprar alguma coisa deles. E eu tenho feito, Orestes, um esforço imenso. O Roberto Rodrigues, que ficou quatro anos no Ministério, foi a prova disso. E vocês. É que nós também tínhamos o hábito no Brasil de as pessoas não viajarem vendendo os nossos produtos. Eu agora estou convencido de que a questão do álcool e do biodiesel é irreversível. Podem falar o que quiserem, mas é irreversível, o mundo vai se curvar aos combustíveis renováveis, o mundo vai se curvar e, na hora em que o mundo se curvar, não tem ninguém que possa competir com o Brasil. E não vamos tirar nenhum metro quadrado de plantar



alimento, até porque quanto mais tecnologia vocês criarem aqui na ABCZ, quanto mais vocês inovarem, menos espaço de terra vocês vão precisar para criar o gado e mais terra vai sobrar para plantar outras coisas que possam garantir ao Brasil essa política de auto-suficiência e de grande supridor das necessidades do mundo poluente que pode comprar o nosso combustível.

Esse é um debate. Eu já tenho 61 anos, Cabral, não sei se vou viver mais 20 anos. A expectativa de vida da gente diminui, Aécio, quando a gente completa 50, você vai ver. Mas essa meninada que está aqui, certamente vai viver daqui a 20 anos o que nós estamos vivendo hoje do álcool. Todo mundo está lembrado quando foi criado o Proálcool no País, as críticas, os subsídios. Nós hoje não precisamos mais disso, então, um país que é capaz de produzir uma coisa extraordinária... Veja, nós temos 440 milhões de hectares de terra totalmente prontos para a agricultura. Desses, Sérgio Cabral, apenas 1% é para cana-de-açúcar, 29% são pasto, 4% soja, mas ainda temos 80 milhões em que podemos plantar o que quiser. O que a gente não pode é ceder aos discursos dos nossos adversários, que lá da Europa vão dizer: “não, porque vai invadir a Amazônia”. Quem tem interesse em defender a Amazônia somos nós brasileiros e não eles. Nós temos interesse em defender a Amazônia.

Agora, o que não pode é exigir que continuemos eternamente pobres e miseráveis. Não, nós temos vocação e quero te dizer uma coisa: não abriremos mão de que o século XXI seja o século da América do Sul e do Brasil. Eu estou convicto disso. Os americanos aproveitaram o século XX, a Europa aproveitou o século XX, aproveitou o final do século XX, e ainda está aproveitando o século XXI. O século XXI é da América Latina, nós temos todo o necessário para nos transformar num grande continente e o Brasil numa grande nação.

Por isso, meus queridos companheiros, saio daqui orgulhoso. Orgulhoso, porque venho a uma feira. Quando vi passar aquele touro bonito, já pensei: bom, vai ter a picanha na casa do Jonas, nós vamos comer uma picanha daquelas que eu vi passar. Orestes, eu te conheci quando você não



era presidente da entidade e venho aqui no dia em que você faz o discurso de encerramento. Quem será o futuro candidato aqui? Tem muita disputa? Vai ser o José Olavo. O José Olavo, na primeira vez em que vim aqui, Orestes, você não estava. Isso aqui é digno de história, Aécio. A primeira vez em que vim aqui, eu era candidato, em 2002, e me convidaram para vir na ABCZ. Aí, eu falei: mas eu vou lá, aquele povo não gosta de mim, o pessoal criador de gado. Mas eu vou. Cheguei aqui e encontrei o José Olavo e sua turma. Eu cheguei com o José Alencar, e depois de meia hora de conversa, o José Olavo já estava me colocando um broche da ABCZ e eu colocando uma estrelinha do PT no peito dele.

Isso demonstra o quê? Isso demonstra, viu Aécio, Sérgio Cabral e Alcides, que quando a gente está no governo ou quando a gente quer ocupar um cargo importante, não existe na nossa alma espaço para preconceito. A gente não pode dizer que não gosta de uma pessoa sem conviver com a pessoa e ter aquele preconceito preconcebido de que: olha, eu não vou lá porque eu não gosto das pessoas. Eu vim aqui a primeira vez, me tornei amigo da casa e, na hora em que tivermos divergências, vamos sentar à mesa e discutir a divergência como adultos civilizados, pensando no bem do Brasil. Cada um querendo ficar com uma parte do bolo. E quando a gente faz acordo, todo mundo ganha.

Portanto, meus caros, mais uma vez meus parabéns, muito obrigado e boa sorte ao povo brasileiro.

Leia o release e entrevista sobre o assunto:

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/notas/REL300407-1.DOC>

<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/Entrevistas/PR126-2.DOC>